

## **Avaliação em ensino de arte na educação – Os processos e as especificidades**

Moacir Gomes de Almeida<sup>1</sup>

### **Resumo**

Esse artigo comenta sobre os meios para a avaliação em arte. A importância de considerar a trajetória do avaliado e a necessidade de colocá-lo como protagonista de seu fazer artístico. O uso diversificado de instrumentos para a avaliação considerando o processo e não ater em erros. A avaliação qualitativa é a mais adequada em detrimento da avaliação quantitativa, não é mera atribuição de notas. A avaliação em Arte tem diferença da avaliação em outras disciplinas pelas suas especificidades. O ensino da arte é um campo de conhecimento e por consequência é um campo de pesquisa. O estudo da avaliação em Arte faz contribui então para o fortalecimento da área de arte e do ensino da arte.

### **Palavras chaves**

Conceitos de avaliação – ensino de arte – formas de avaliação

**Recebido em: 10/10/2019**  
**Aprovado em: 13/12/2019**

---

<sup>1</sup> Possui mestrado em educação pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG - com o assunto: formas avaliativas em ensino de arte: investigação em Escolas Municipais da Região Metropolitana de Belo Horizonte (2016). Possui graduação em Licenciatura em Educação Artística - Habilitação em Música -( 2.o grau) pela Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais (1998). Possui o título de especialista em Arte-Educação pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Atualmente é professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Betim - MG. moacir.almeida@uemg.br

## **Evaluation in art teaching in education - Processes and specificities.**

### **Abstract**

This article comments on the means for art evaluation. The importance of considering the trajectory of the subject and the need to place him as the protagonist of his artistic work. The diversified use of assessment tools considering the process and not stick to errors. Qualitative assessment is the most appropriate rather than quantitative assessment, not merely grading. Assessment in Art differs from assessment in other disciplines by its specificities. Art teaching is a field of knowledge and consequently is a field of research. The study of art assessment then contributes to the strengthening of the area of art and the teaching of art.

### **Keywords**

evaluation concepts - art teaching - forms of evaluation

## INTRODUÇÃO

Avaliar é verificar o conhecimento no aprendizado das formas, da percepção do aluno, de sua interpretação e entender quais as relações que ele faz entre o conteúdo de arte estudado e sua vida cotidiana. No campo educacional a ação de avaliar remete a atribuição de valor e ao julgamento de uma ação praticada anteriormente, além de significar a análise de resultados de uma tarefa executada. Para o ensino de Arte a avaliação é importante para entender o processo de aprendizagem do educando e também para valorizar o significado do que é o ensino da Arte nas Escolas. O trabalho é fundamentado em autores que discutem a avaliação em Arte. Para que a avaliação sirva à aprendizagem, como um processo de educação, é preciso conhecer o aluno, seu meio cultural, seus hábitos e escolhas.

A arte é um campo de conhecimento e sua expressão acontece através da dança, da música, do teatro e das artes visuais. A partir da lei que regulamenta a educação LDBEN 9394 de 1996 o ensino de arte passou a ser matéria obrigatória em todos os níveis da educação básica. Quando o assunto é avaliação no campo do ensino de arte, temos especificidades que é diferente da avaliação geral. Buscamos conhecer os objetos artísticos, sua forma de produção e a forma de percepção destes objetos. Tourinho (2007, p. 33) questiona que o processo de avaliação em ensino de arte é “Um aspecto que ainda nos provoca e para o qual pouco temos a oferecer”. Ela enfatiza que “A avaliação do ensino de arte é uma provocação que deve nos atrair” (TOURINHO, 2007, p.34). Caso contrário:

Seremos um ensino-bala: enrolado nas duas pontas, antes de ser aberta para desfrute. Numa ponta estamos enrolados pela complicação e necessidades de pertencer, dignamente, a organização que os campos de conhecimento assumem na escola (disciplinas?; projeto?; tema?...). Na outra, também estamos enrolados pela ausência de parâmetros que

fundamentem a avaliação, necessária para o ensino, para alunos e para nós professores (TOURINHO, 2007, p.34).

Quando se fala de avaliação em arte educação Bastos (2005) afirma que estamos tratando da avaliação do aprendizado das formas de percepção do aluno de sua interpretação e das conexões que ele faz entre os objetos artísticos e a sua vida cotidiana.

A autora afirma também que o pensamento abstrato aparece na medida em que se constrói metáforas e a partir deste pensamento experiências corpóreas e sensoriais podem acontecer. Zabala (1998) discorre sobre os aspectos necessários para avaliar o discente: “A quem se tem que avaliar, como se deve avaliar, como temos que comunicar o conhecimento obtido através da avaliação” (ZABALA, 1998, p. 196). Barbosa (2007) defende que para se fazer uma avaliação em Arte é importante perceber que o aluno tem sua expressividade.

Esta expressividade não pode ser confundida, segundo ela, com o espontaneísmo cujo significado é acreditar que o aluno já vem pronto bastando apenas facilitar a liberação de algo natural inerente a este aluno. “O slogan modernista de que todos somos artistas era utópico e foi substituído pela ideia de que todos podem compreender e usufruir da arte” (Barbosa, 2007, p.17). O espontaneísmo é algo que necessita ser repensado, pois:

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. O conceito de criatividade também se ampliou. Pretende-se não só desenvolver a criatividade por intermédio do fazer arte, mas também pelas leituras e interpretações das obras de arte (Barbosa, 2007, p.17-18).

Esta compreensão do que é a Arte a qual se refere Barbosa são também temas de Irene Tourinho (2007), quando afirma que “É indispensável para avaliarmos, criticamente, as razões pelas quais ainda encontramos tantos mal-entendidos sobre o ensino desta

disciplina” (TOURINHO, 2007 p.30). Ela define que a avaliação é importante para entender o processo de aprendizagem do educando e também para valorizar o significado do que é o ensino da Arte nas Escolas. Surge daí então o primeiro pressuposto em relação a avaliação específica do aprendizado em Arte: a quem é preciso avaliar?

Para este primeiro pressuposto é importante observar as afirmações de Zimmerman (2005) quando afirma que para se fazer uma avaliação de forma correta é necessário empregar variadas tarefas. É preciso também ter um olhar abrangente do processo de aprendizado do no desenvolvimento das tarefas propostas. Na mesma linha de raciocínio Hernández (2000) salienta que a avaliação é uma forma de informar sobre o que se trabalha em Arte além de satisfazer a necessidade dos alunos sobre se processo.

Por sua vez, Bohn e Silva (2013) citam Boughton (2005) onde afirma:

Ao se refletir sobre o processo de julgamentos e valores em avaliação no campo da Arte, não há como se desviar de questões centrais que norteiam a Arte na educação contemporânea que desafiam as ortodoxias tradicionais e apontam como relevantes: a qualidade de produção de imagens; a relação da Arte com o contexto; as relações entre arte popular e arte de elite; as influências das novas tecnologias na produção artística contemporânea; as questões de gênero; as questões de mestiçagem, entre outras (BOHN e SILVA apud BOUGHTON 2013 p. 10).

Boughton (2005, apud ZAMPERETTI e RIBEIRO, 2015, p. 155) defende ainda que: “O foco das questões avaliativas deveria voltar-se para o desenvolvimento cognitivo, perceptível e sensível do aluno, rompendo com a ideia de avaliação redutora e fragmentada oriunda da abordagem tradicional”. A educação do olhar do aluno é um fator a ser considerado pelo professor de Arte, pois: “Estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente.” (Barbosa, 2007, p.18).

É possível constatar pelas afirmações de Tourinho (2007), Zimmerman (2005) e Hernández (2000) além de Barbosa (2007) que há a necessidade de avaliação em ensino de arte de uma forma mais abrangente. É importante também, segundo eles, informar tanto aos alunos como aos professores o caminho percorrido. A avaliação não pode se reduzir a uma simples atribuição de notas no final das tarefas. Isso tornaria o processo avaliativo reducionista e pouco acrescentaria na trajetória do discente. Essa forma de avaliação, processual e abrangente, encontra respaldo nas afirmações de Boughton (2005). Corroborando e ao mesmo tempo complementando o que afirma Boughton (2005), Zimmerman (2005) defende que é preciso haver a diversificação das tarefas para que a forma de avaliação do ensino de Arte vá além das tarefas escritas e desta maneira tem-se uma visão mais abrangente da capacidade do aluno. Este procedimento segundo Zimmerman (2005) e Hernandez (2000) respeita o processo vivenciado pelo discente. Eles salientam também que é preciso utilizar o processo de aprendizagem do aluno para orientar o caminho que será percorrido por ele.

Zabala (1998, p. 202-203) salienta que quando se refere ao processo de aprendizagem do aluno, estamos nos referindo a uma aprendizagem significativa:

Uma aprendizagem significativa de fatos envolve sempre a associação dos fatos aos conceitos que permitem transformar este conhecimento em instrumento para a concepção e interpretação das situações ou fenômenos que explicam. Esquemáticamente, deveríamos poder diferenciar entre o que se espera de cada aluno, o processo seguido, as dificuldades que encontrou sua implicação na aprendizagem, os resultados obtidos e as medidas que é preciso tomar.

Complementando as definições acima citadas Rey (2002) enfatiza que a obra de arte é um processo de formação e de significado. A obra de arte interpela os sentidos. Elabora e desloca significados estabelecidos perturba o conhecimento de mundo que antes era familiar. “Me faz pensar meus parâmetros me faz pensar minhas posições.” (REY, 2002, p.1). Rizzi(2007) na mesma direção do que estabelecem os autores acima a

respeito de significado, nos mostra uma concepção de construção de conhecimento em arte quando afirma:

A construção do conhecimento em Arte acontece quando há a interseção da experimentação com a codificação e com a informação. Considera-se como sendo objeto de conhecimento dessa concepção, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre a Arte e o Público, propondo-se que a composição do programa do ensino de Arte seja elaborado a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com a Arte: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar (Rizzi, 2007, p.66,67).

### Como avaliar em Arte?

Hernandez (2000) afirma que a compreensão, a reflexão quanto ao conjunto de atividades e a aprendizagem, pode não ser uma tarefa fácil. A resposta a estas questões pode não ser única. Segundo Rey (2002, p. 3) “É a experiência que autoriza o artista a ter um ponto de vista teórico diferenciado. Para um artista plástico, é como se as palavras estivessem encarnadas no trabalho e no próprio corpo. Suas análises terão esta vivência suplementar: sua confrontação pessoal com o processo de criação”. A avaliação do aprendizado em arte necessita então buscar forma de aferir a experiência que o discente tem quando vivencia o contato com a obra de arte. Estas colocações estão de acordo com Barbosa (2007) e também com Murrie (2008 apud GUIMARÃES, 2009, p.37) quando afirma que:

A avaliação não pode ser um instrumento de controle, de constatação pura e simples, mas um instrumento de aprendizagem e reorientação do planejamento das situações de ensino. Assim, ao avaliarem seus alunos, os professores avaliam a si mesmos também.

Fernandes e Freitas (2007 apud GUIMARÃES, 2009) estão em acordo com essa linha de raciocínio quando afirmam que avaliar é uma condição necessária para qualquer ação

intencionalmente desenvolvida, pois em toda ação educativa há sempre uma finalidade envolvida que pode ser política ou técnica.

Segundo Bohn e Silva (2013) Elliot Eisner (1998), que é dedicado as questões da avaliação em ensino da Arte, entende que a avaliação necessita estar vinculada ao contexto sociocultural do discente e as práticas avaliativas são influenciadas por conceitos teóricos e metodológicos vindos dos professores e de conceitos filosóficos da escola.

Por sua vez Barbosa (2007, p.18) define questões sobre o compromisso da arte-educação com a diversidade cultural, que precisa: “Buscar não mais somente os códigos europeus e norte americanos brancos, porém mais atenção à diversidade de códigos em função de raças, etnias, gênero, classe social, etc.”. Os autores citados afirmam que quem avalia necessita respeitar princípios e critérios definidos coletivamente baseados em um projeto político pedagógico dentro de uma proposta curricular.

A diversidade cultural precisa ser levada em consideração. É importante ainda ter convicção acerca do papel social que desempenha a educação escolar. “Este é o lado da legitimação política do processo de avaliação e que envolve, também, o coletivo da escola.” (FERNANDES e FREITAS 2007 apud GUIMARÃES, 2009 p. 54). Estas definições estão em de acordo com Hernández (2000) quando afirma que a avaliação em ensino de Arte é também uma forma de valorizar o programa de ensino que está sendo realizado.

A busca pelo entendimento do processo de aprendizagem do aluno é uma tarefa da avaliação. É preciso entender suas questões individuais, são informações importantes, pois busca-se desta forma o sentido específico para o discente:

Porque na obra a fazer, o modo de fazê-la, não é conhecido a priori com evidência, mas é preciso descobri-lo e encontrá-lo, e para descobrir como fazer a obra é necessário proceder por tentativas, por tateamento, inventando várias possibilidades, testando-as e selecionando-as de tal maneira que, de tentativa em tentativa, a cada operação, se consiga inventar a possibilidade que se desejava, isto é, o surgimento da obra”.(REY, 2002, p.6)

A proposta do ensino em artes nas escolas busca também uma articulação entre a teoria e a prática considerando a história e cultura do aluno. Desenvolve-se o ensino/aprendizagem em experiências significativas vivenciadas em sala de aula, afirma Garcia e Paixão (2013). Elas afirmam ainda: “Para que a avaliação sirva à aprendizagem, como um processo de educação, é preciso conhecer o aluno, seu meio cultural, seus hábitos e escolhas” (GARCIA e PAIXÃO, 2013, p. 6). A avaliação da aprendizagem relaciona-se estreitamente ao modelo pedagógico que norteia a organização do sistema educacional, uma vez que as diferentes tendências teóricas influenciam e direcionam aspectos do procedimento pedagógico, desvelando “Escolhas conceituais que definem trajetórias metodológicas” (MARTINS, 2003, p.52 apud GUIMARÃES, 2009, p. 54).

Barbosa (2009, p. 22 apud BOHN e SILVA, 2013, p. 10) comenta sobre a importância de a avaliação servir para ampliar conceitos que pode ir além de erros e acertos. Afirma a autora que “É preciso descobrir os erros para não repeti-los, e eles são descobertos mediante avaliação, que não deve levar a punição, mas, a readequação, reestruturação, redimensionamento”. São definições que encontram respaldo nas afirmações de Rey (2000, p. 7):

Se tomarmos um caminho errado, é preciso reconhecer o erro, voltar e retomar o bom caminho. A obra sairá acrescida, pois, guarda todos estes traços. O erro no processo de instauração da obra, não é engano: é aproximação. Errar é a dissipação das possibilidades da obra, apontando caminhos para aquela, ou talvez, para outras obras que virão.

A avaliação desempenha papéis diferentes em Arte/Educação servindo como medida para definir o acesso de estudantes a oportunidades educacionais e também para auxiliar aos professores na decisão de seu planejamento. Nessa mesma direção, Hernández (2000), afirma ainda que o professor pode se posicionar diante do grupo e planejar melhor o processo de ensino podendo adequar a realidade de suas aulas à realidade do aluno. Pode-se, ainda, levar em conta a realidade da Escola no que se refere aos espaços e aos materiais necessários para ministrar as aulas. A partir da consciência de seu papel e do conhecimento que terá dos alunos em uma avaliação inicial, o professor poderá estabelecer estratégias que facilitarão a aprendizagem. São estratégias válidas para uma avaliação adequada em arte-educação são aspectos que nos ajudam a responder ao segundo pressuposto que é como avaliar em arte?

Levantadas as questões para responder ao primeiro e o segundo pressuposto, vamos a tentativa de respostas ao terceiro pressuposto que se refere aos instrumentos necessários para uma avaliação adequada em Arte. Para avaliar um trabalho artístico, segundo afirmações de Garcia e Paixão (2013) é necessário definir conceitos: “Para compreender os conceitos de forma, textura, linha, composição, ponto, ou seja, elementos plásticos que caracterizavam uma obra de Arte” (GARCIA e PAIXÃO, 2013, p.6). Afirmam ainda Garcia e Paixão (2013) que a avaliação da aprendizagem em Ensino de arte tem como característica ser um processo contínuo que está inserido no planejamento pedagógico bem como das ações e encaminhamentos metodológicos. A avaliação faz parte de um processo que é visto como um ato de reflexão, definindo critérios bem elaborados e transparentes para que o aluno compreenda os objetivos da disciplina e possa desenvolver a criatividade, o senso crítico, a sensibilidade e a devida competência para construir conhecimentos em arte. (GARCIA e PAIXÃO, 2013).

Hernández (2000) recomenda que o para a verificação do aprendizado em arte o ideal é o uso do portfólio, pois, segundo ele, baseia-se na evolução do processo de

aprendizagem. A reflexão de estudantes e educadores sobre os reais objetivos da aprendizagem - quais deles foram cumpridos e quais deixaram de ser, além de quando, como e porque não aconteceu da forma planejada - são aspectos que fazem do portfólio uma boa forma de avaliação.

O portfólio aponta uma direção para a avaliação do processo de aprendizagem da arte. Cabe destacar que a forma física (papel, cd, caixa etc.) não é de todo importante, mas sim a concepção de ensino e aprendizagem e a avaliação que é realizada pelo próprio estudante, identificando as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Por sua vez Boughton (2005, p 383) afirma que “A exposição de trabalhos e seu desempenho, o perfil de seu comportamento, questionários, gravações de entrevistas com alunos, métodos multiplicadores, vídeos registrando o comportamento dos estudantes e relatos verbais”.

De acordo com o referencial curricular do ensino fundamental para o ensino de arte da Prefeitura de Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 2010) o experimento da expressão artística podem adquirir significados isso dentro de um contexto e assim proporcionar um conjunto de habilidades e competências.

Esta experiência proporcionará uma relação íntima e crítica com o fazer artístico. São referências que concordam com as palavras de Perissé (2009, p. 31), quando afirma:

O artista olha as palavras, as cores, ouve alguns sons, ou a sua própria voz, toca algum tipo de material ou executa o seu próprio corpo e daí arranca uma verdade ou faz aparecer uma verdade. O artista torna manifesto algo que estava e não estava ali. Ou algo que outras pessoas não viram que já estava ali.

Ainda segundo o referencial de Belo Horizonte, (BELO HORIZONTE, 2009), ao longo do período de estudo do aluno ele desenvolve uma série de descobertas o que favorecerá

o contato com outras experiências artísticas. Os processos didáticos proporciona acesso a informações e aprendizado e dependerão de uma metodologia adequada para estudo dos objetos artísticos. Para verificar qual o grau de aprendizado das questões artísticas a avaliação em ensino de arte é essencial. A forma como aconteceu este aprendizado, o que o discente apreendeu do contato com o objeto artístico é essencial. Perissé (2009) afirma que a experiência estética nasce do encontro que é estabelecido com a obra de arte. A obra de arte por sua vez nasceu do encontro do artista e o objeto do qual fez surgir uma realidade artística até então inexistente. Segundo Perissé (2009, p. 31):

O artista instaurou a obra, mas o fez em luta amorosa com as palavras, ou com o bronze, ou com a madeira, ou com coisas retiradas de um lixão, ou com as notas produzidas por um instrumento musical, ou com outros barulhos extraídos de objetos improváveis, ou com o seu próprio corpo (na dança, no teatro).

Em relação ao uso do portfólio como instrumento adequado para a avaliação em ensino de arte, Hernandez (2000, p.174) destaca ainda que:

Como modalidade de avaliação vinculada à reconstrução do processo de aprendizagem tenta abordar algumas problemáticas relacionadas à representação do conhecimento elaborado pelos alunos, ao mesmo tempo em que introduz outras que requerem mudanças em relação à atual situação da formação dos professores, à perspectiva sobre o ensino e aprendizagem, ao papel dos alunos, à interação docente, à definição dos conteúdos e sua relação com as atividades, à atitude investigadora em sala de aula, etc.

O uso do portfólio é defendido também por Zamperetti e Ribeiro (2015) onde afirmam que o seu uso possibilita avaliar o processo de uma forma qualitativa e abrangente, fazendo análise de trabalhos em andamento, das anotações feitas pelos alunos e verificando os trabalhos finais.

Segundo os autores citados: “Por meio desse instrumento avaliativo, o estudante escolhe os elementos relevantes de sua aprendizagem na composição do portfólio, tendo a possibilidade de refletir sobre o que foi significativo, produzindo sentido na sua trajetória aprendiz” (Zamperetti e Ribeiro, 2015, p. 157). No espaço escolar existem – e muitas vezes, coabitam – diversas concepções teóricas e práticas distintas acerca do que significa avaliar. Confluências e oposições se fundem, uma vez que “Todos falam de avaliação, mas cada um conceitua e interpreta esse termo com significados distintos: fazendo usos díspares, com fins e intenções diversas” (ÁLVAREZ MÉNDEZ, 2002, p. 37 apud GUIMARÃES, 2009 p.54).

Há o emprego de estratégias múltiplas como é sugerido por muitos pesquisadores tais como: Barbosa (2005), Hernández (2005), Zabala (1998). O estímulo ao aluno para usar seu poder de julgamento, a importância de se posicionar e resolver problemas propostos faz com que ele se aprofunde nas questões ao invés de ter uma noção superficial dos problemas. Quando se trata da música, por exemplo, é importante que o aluno independente de sua habilidade entenda: “Sobre instrumentos musicais, audição, expressão rítmica e melódica, sensorialidade, emotividade, inteligência ordenadora e criatividade” (MINAS GERAIS, 1997, p. 3 apud LOUREIRO, 2003 p.17).

A apresentação de soluções do discente irá demonstrar sua habilidade de investigação e expressão tanto na dança, como no teatro, nas artes visuais e na música e de forma eficiente como afirma ainda Barbosa (2007). Para entender qual é o aprendizado do aluno é consenso que não deve haver uma forma tão somente. Uma avaliação inicial para diagnosticar onde está o aluno é desejável para o professor definir estratégias de ação. Entender o processo de aprendizagem do aluno requer estar atento ao próprio aluno. A atribuição de notas tão somente irá proporcionar uma aferição quantitativa e irá prejudicar uma avaliação mais centrada na realidade do que foi apreendido.

Vejam os em uma situação concreta no ensino do movimento, da dança:

Os gestos são ações das extremidades, que não envolvem nem transferência nem suporte do peso. Podem dar-se em direção do corpo, para longe dele, ou ao seu redor e podem também ser executados com ações sucessivas das várias partes de um membro (ULLMANN, 1978, p. 60).

Para avaliar esta atividade proposta em um exercício em sala a diversificação das formas avaliativas dará oportunidade ao aluno de demonstrar o que sabe por meios diferenciados.

Neste caso o portfólio mesmo parecendo ser o meio mais adequado para uma avaliação real dado a seu caráter unificador das ações tomadas pelo professor e também pelo aluno deverá ser mais um instrumento de avaliação. Quanto se trata de teatro:

Por sua natureza, o teatro é um espelho e não uma instituição passível de julgamento moral. O valor do teatro consiste não em proclamar regras de conduta para os seres humanos, mas em sua habilidade para despertar através do espelhamento da vida, a responsabilidade pessoal e a liberdade de ação (Ullman, 1978, p. 159).

Também nesta expressão artística o professor deverá ter habilidade para verificar o grau de entendimento do aluno sobre o significado do teatro em sua vida, pois, os diversos autores citados têm concepções semelhantes quanto a quem é preciso avaliar, quais as formas utilizadas para avaliação e o instrumento mais adequado que será usado na avaliação em ensino de arte. Estas concepções e pressupostos encontram respaldo em documentos oficiais de avaliação que foram elaborados a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, (BRASIL, 1997).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação em arte deve ter como objetivo ampliar conceitos o que pode levar em consideração além de erros e acertos que pode ir além de erros e acertos. O emprego de estratégias múltiplas como é sugerido por muitos pesquisadores tais como: Barbosa (2005), Hernández (2005), Zabala (1998) é necessário que ocorra. O incentivo ao aluno para que possa ter o poder de julgamento e a importância de se colocar na resolução de problemas é essencial deixando que ele aprofunde nas questões o contrário de ter uma noção meramente superficial. A forma como aconteceu o aprendizado, o que o discente apreendeu do contato com o objeto artístico é de suma importância. Perissé (2009) afirma que a experiência estética nasce do encontro que é estabelecido com a obra de arte. A obra de arte por sua vez nasceu do encontro do artista e o objeto do qual fez surgir uma realidade artística até então inexistente.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo. Cortez. 2007.

BASTOS, Flávia Maria Cunha. O perturbamento do familiar: uma proposta teórica para a Arte/educação baseada na comunidade. In. BARBOSA Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo. Cortez. 2005

BELO HORIZONTE. **Proposições curriculares ensino fundamental Arte**. Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2010.

BOHN, Leticia Ribas Diefenthaele e. SILVA, Carla Clauber. **Processos de avaliação em arte no ensino básico: provocações, inquietudes e reflexões**. SC. Univille. Joinville. 2013.

BOUGHTON, Doug. Avaliação: da teoria à prática. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo. Cortez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. 1997.

GARCIA, Francislaine Campos. PAIXÃO, Priscilla CampioloManesco. **Avaliação da aprendizagem no ensino da arte**. Anais Eletrônicos. VII - Encontro Internacional de Produção Científica - Cesumar Editora. Maringá – PR. 2013

GUIMARÃES, Ana Luiza Bernardo. **A avaliação da aprendizagem em Arte**. Desvelando realidades. Centro de documentação, comunicação e Arte. Londrina - Paraná. 2009.

GUIMARÃES, Ana Luiza Bernardo. **Avaliação da aprendizagem em Arte: desvelando realidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEL, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul. 2000.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas: Papyrus, 2003.

MINAS GERAIS. **Projeto Música na Escola**. Módulo I – Proposta de prestação de serviços. Belo Horizonte. 1997. In: Loureiro, Alícia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental. Campinas. Papyrus, 2003.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte. Autêntica. 2009.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre : E. Universidade/UFRGS, 2002.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. Cortez. São Paulo. 2007

SILVA, Maria Betânia. Avaliar o quê, em arte? **Cartema - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**. Recife: UFPE, n. 1, ano 1, p. 21-32, dez, 2012.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. In: Barbosa, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. Editora Cortez, 2007. São Paulo.

ULLMANN, Lisa (org.). Rudolf Laban: domínio do movimento. São Paulo. Summus, 1978.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre. Artmed, 1998.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori e. RIBEIRO, Cristiano Acosta. **Refletindo sobre a avaliação no ensino de artes visuais a partir do portfólio**. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 1, p. 148-162, jan./abr. 2015.

ZIMMERMAN, Enid. Avaliação autêntica de estudantes de Arte no contexto de sua comunidade. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo. Cortez. 2005.